

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
ESCOLA DE HUMANIDADES
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

FABIANE FERRETTI MUNHOZ

**PLANO DE FORMAÇÃO CONTINUADA:
O QUE PODEMOS APRENDER COM A ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA?**

**SÃO LEOPOLDO
2017**

FABIANE FERRETTI MUNHOZ

**PLANO DE FORMAÇÃO CONTINUADA:
O QUE PODEMOS APRENDER COM A ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA?**

Plano de formação apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Ms. Paulo Fochi

SÃO LEOPOLDO
2017

PLANO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

O QUE PODEMOS APRENDER COM A ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA?

Curso de formação presencial, elaborado para professores e gestores de Educação Infantil que buscam conhecer e compreender melhor a abordagem italiana idealizada pelo pedagogo Loris Malaguzzi. O propósito dessa formação é apresentar os pressupostos fundamentais da abordagem e estabelecer relações com o contexto local.

OBJETIVOS

Conhecer os pressupostos da abordagem pedagógica de Reggio Emilia.

Refletir sobre o cotidiano das escolas a partir dos pressupostos da abordagem de Reggio Emilia.

Contrastar os pressupostos da abordagem de Reggio Emilia com princípios e objetivos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Tema: Abordagens pedagógicas para a infância

Público-alvo: professores de educação infantil de Bento Gonçalves

Duração: 6 encontros, com duração de 3 horas cada um.

1 INTRODUÇÃO

Estudos e pesquisas recentes apontam para o fato de que a Educação Infantil vem ocupando um lugar muito importante na área da Educação, um lugar para ser visto, debatido e pensado tanto por adultos quanto por crianças.

Pensar a respeito das práticas educativas atuais, principalmente com relação à Educação Infantil, é essencial para refletir sobre a prática cotidiana e repensá-las. Considerando esse contexto e a necessidade de trazer para as nossas escolas outras formas de pensar a criança, este Plano de Formação Continuada para Professores apresenta um estudo para conhecer a abordagem pedagógica de Reggio Emilia.

Nos últimos anos, o município de Bento Gonçalves expandiu o atendimento das crianças com idade para frequentar a Educação Infantil. Nesse sentido, é importante refletir sobre o que propõem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e o que é possível aprender com a abordagem Reggiana, quando falamos em uma organização de currículo para esta etapa de educação. Para tanto, é preciso considerar que a escola de Educação Infantil é um lugar de múltiplas linguagens e aprendizagens, tendo como foco principal o desenvolvimento integral de todas as crianças.

Bento Gonçalves é uma cidade situada na região da serra gaúcha e possui aproximadamente 114.000 habitantes. Segundo a Radiografia da Educação Infantil do Rio Grande do Sul, o município dispunha de 120 escolas no ano de 2015, sendo 45 Creches e 75 Pré-escolas, as quais atendiam crianças de 0 a 5 anos de idade, totalizando 4.809 crianças matriculadas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil trazem-nos alguns aspectos importantes a respeito dos quais devemos pensar a fim de colocarmos em prática. É em virtude desse documento, realizando um paralelo com o que se vem discutindo e refletindo na abordagem de Reggio Emilia, que o presente trabalho será desenvolvido. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 11), é um documento que busca “orientar as

políticas públicas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de Educação Infantil”.

A importância de planejar a escola para as crianças é o primeiro passo, pois, por vezes, ainda há práticas bem centralizadas no tempo e no bem-estar do adulto. É fundamental pensarmos o cotidiano infantil, considerando suas atividades específicas e o seu bem-estar.

Reggio Emilia já vem refletindo sobre suas práticas há muito tempo, e hoje apresenta uma prática baseada no respeito à criança e aos seus saberes, na confiança, na convicção de sua potencialidade. Com certeza, há muito a aprender com essa abordagem, pois possibilita a reflexão sobre algumas questões do cotidiano. Além disso, ela contribui para a prática de educadores que se preocupam com uma educação de qualidade e que querem ampliar/modificar sua forma de agir e de ver as crianças.

Quando se propõe o estudo dessa prática educativa, pode ocorrer a ideia de importação de metodologia pedagógica; porém, não é este o objetivo, já que a realidade cultural e social de Bento Gonçalves é bem diferente das cidades da Itália. É fato que a maioria das metodologias ou situações importadas e aplicadas em sala geralmente não funcionam da forma como se esperava porque a cultura e as vivências nacionais, muitas vezes, não são nem semelhantes com as do país de origem. Uma proposta que considera a criança como alguém potente, crítico, autônomo e com poder de tomar decisões, entre outras coisas, faz com que olhemos para nós como adultos que trabalham diariamente com esse tipo de meninos e meninas. Além disso, faz com que vejamos o que essa prática pode contribuir na nossa vida tanto profissional quanto pessoal, ou seja, podemos nos perguntar o que podemos aprender com essa abordagem. A ideia de cópia deve ser sempre descartada. É necessário se considerar as múltiplas linguagens que a criança utiliza para se comunicar a fim de organizar propostas que realmente façam sentido no seu cotidiano, que tenham a ver com a vivência e os interesses desse público-alvo.

É fundamental que os educadores ocupem a posição de pesquisadores, que estejam em constante formação e anseiem por uma educação de qualidade. Somado a esse perfil de educador, é preciso refletir sobre experiências educativas

que têm uma cultura de participação ativa de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, procurando entender seus pressupostos e o que podemos aprender com as diferentes situações. Sendo assim, não se trata de copiar modelos pedagógicos, mas de nos inspirarmos neles. Varela (2011 *apud* FORMOSINHO, 2007, p. 5) define modelo pedagógico como:

(...) um sistema educacional compreensivo que se caracteriza por combinar a teoria e a prática. Dispõe, portanto, de uma teoria e de uma base de conhecimentos explícita, desde o nível fundamentador da filosofia educacional, passando pelos níveis de uma teoria de ensino-aprendizagem e de uma teoria de desenvolvimento até ao nível da consequente teoria de avaliação educacional.

Pensar sobre uma nova abordagem pedagógica e ter a oportunidade de refletir em grupo sobre o assunto fortalece a todos enquanto professores que pensam e defendem uma educação de qualidade. Ações como essas mostram que a pesquisa dentro da Educação Infantil é algo válido e que se deve fazer presente sempre, tanto no trabalho dos professores quanto no cotidiano infantil.

2 METODOLOGIA

- Aula expositiva, leitura de textos, reflexão, debates e trabalhos em grupo.

CONTEÚDOS DO CURSO

Encontro	Conteúdo
1º	Contexto histórico e ideias principais pedagógicas de Reggio Emilia.
2º	Tratando com seriedade o trabalho das crianças.
3º	Conteúdo do relacionamento entre professor-criança.
4º	Trabalho com projetos e artes visuais para crianças pré-escolares.
5º	Documentação pedagógica
6º	Encerramento.

3 SÍNTESE DOS ENCONTROS

ENCONTROS	SÍNTESE
Encontro 1:	Conhecer o contexto histórico-cultural no qual a abordagem italiana foi sendo construída, procurando contextualizar e situar o público sobre a proposta do curso.
Encontro 2:	Neste encontro, abordaremos os conceitos de criança e de infância que temos, percebendo o quanto eles influenciam o nosso fazer pedagógico cotidiano. A partir dessas reflexões, trataremos da Pedagogia da Escuta, procurando compreendê-la como uma forma de mudar a nossa postura enquanto educadores que respeitam a infância.
Encontro 3:	Neste encontro, abordaremos a questão da relação entre professor e criança. Como ela acontece hoje? Em que situações realmente há a relação de forma efetiva entre professor e criança? O que Reggio Emilia nos apresenta a respeito desse assunto? Essas serão as perguntas norteadoras do encontro.
Encontro 4:	Neste encontro, apresentaremos a abordagem de Reggio Emilia com relação ao trabalho com projetos e como ele contribui para a expressão das múltiplas linguagens da criança.
Encontro 5:	Neste encontro, o tema será a Documentação Pedagógica. Discutiremos sobre o seu significado e a sua amplitude no cotidiano infantil, fazendo o público refletir sobre a importância de termos esse aspecto bem definido para que não se torne um modismo pedagógico, com ideias equivocadas sobre o assunto.
Encontro 6:	Neste último encontro, vamos fazer uma breve retomada dos aspectos principais da abordagem de Reggio Emilia, pensando no cotidiano de nossas escolas e o que de fato podemos começar a colocar em prática.

4 ENCONTRO 1

CONTEXTO HISTÓRICO E PRINCIPAIS IDEIAS PEDAGÓGICAS DE REGGIO EMILIA

A partir dos estudos da Pedagogia da Infância, do pedagogo italiano Loris Malaguzzi, criou-se uma nova cultura sobre a forma que os adultos veem e concebem a criança. Essa Pedagogia da Infância vem sendo construída durante anos na Itália e é reflexo dos caminhos percorridos desde o período pós-guerra até o momento.

A comunidade italiana desejava uma educação para seus filhos que iniciasse desde muito cedo, de forma partilhada e participativa; queriam uma escola que considerasse a educação “[...] como uma atividade comunitária e uma participação na cultura através de exploração conjunta entre crianças e adultos [...]” (EDWARDS, FORMAN e GANDINI, 1999, p. 23). Desde então, as práticas pedagógicas da comunidade italiana, especialmente localizada na cidade de Reggio Emilia, vêm sendo compartilhadas com o restante do mundo, mostrando a necessidade e a urgência de refletirmos sobre a nossa prática educativa. Isso evidencia a possibilidade de conceber a educação de uma forma mais humana, compreendendo o papel fundamental do adulto na vida das crianças, o que só é possível a partir da imagem que temos de criança. Como afirma Malaguzzi, (1994 *apud* HOYUELOS, 2004, p. 54):

Existem cem imagens diferentes de criança. Cada um de nós tem em seu interior uma imagem de criança que orienta sua relação com ela. Essa teoria, em nosso interior, nos leva a um comportamento de diferentes maneiras; nos orienta quando falamos com a criança, **quando escutamos a criança, quando observamos a criança. É muito difícil para nós atuarmos de forma contrária a esta imagem** interna.

Nada adianta falar em mudança se o olhar do educador continuar concebendo a criança como um ser frágil, que precisa ser ensinado e que aprende com os adultos; um sujeito que tem muito a aprender e nada para ensinar. Para uma Pedagogia da Infância e não “para a Infância”, é preciso perceber e reconhecer meninos e meninas como sujeitos singulares, potentes, competentes, criativos, pesquisadores natos e que têm muito a aprender e a ensinar. Como afirma Clarisse

Cohn (2005, p. 33 e 35) “a diferença entre as crianças e adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa [...] as crianças não são apenas produzidas pelas culturas, mas também produtoras de cultura”.

É necessária uma pedagogia que olhe e escute as crianças e que não as veja simplesmente como mais um número na sala. Segundo Maria Carmen Silveira Barbosa (2012, p. 8),

As crianças pequenas solicitam aos educadores uma pedagogia sustentada nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para suas experiências cotidianas e seus processos de aprendizagem no espaço coletivo, diferente de uma intencionalidade pedagógica voltada para resultados individualizados nas diferentes áreas do conhecimento. [...] Um estabelecimento que tenha como foco a criança e como opção pedagógica ofertar uma experiência de infância potente, diversificada, qualificada, aprofundada, complexificada, sistematizada, na qual a qualidade seja discutida e socialmente partilhada, ou seja, uma instituição aberta à família e à sociedade.

A escola precisa ser “de” e “para” todos. Assim, é preciso derrubar as barreiras que separam a família e a escola.

ESTRATÉGIAS A SEREM UTILIZADAS

- Dinâmica de apresentação / de grupo.
- Apresentação em slides.
- Imagens do Google para contextualização de Reggio Emilia.
- Apresentação do pedagogo Loris Malaguzzi.
- Leitura e reflexão da poesia “As cem linguagens” (Loris Malaguzzi).
- Trabalho em grupos sobre a primeira ideia do que seriam “As cem linguagens”.
- Vídeo “Reportagem especial – As escolas de Educação Infantil de Reggio Emilia”.

Disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=4j8mtA_iDss

FONTES A SEREM UTILIZADAS:

GANDINI, Lella, EDWARDS, Carolyn; e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância, volume 2. Porto Alegre: Artmed, 2016.

FOCHI, Paulo Sérgio. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

Vídeo disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=4j8mtA_iDss. Acesso em: 15 de abril de 2016.

5 ENCONTRO 2

TRATANDO COM SERIEDADE O TRABALHO DAS CRIANÇAS

Tratar com seriedade o trabalho das crianças exige mudança no conceito sobre elas. O ser humano aprende essa definição desde cedo e, assim, o adulto, via de regra, as vê como sujeitos que sempre precisam aprender com os mais velhos, não têm nada a ensinar, precisam ser constantemente estimulados ou que, não conseguem fazer nada sem auxílio dos adultos. Dessa forma, o conceito que temos sobre a criança implicará em nossa prática cotidiana.

Certamente, num futuro próximo as escolas de educação infantil conseguirão ver a criança como um sujeito potente, de direitos, que tem muito a nos ensinar e para aprender também; Como dizem nossas diretrizes, por outro lado, as escolas serão dotadas de princípios éticos, estéticos e políticos, que vejam as crianças como agentes de mudança e transformação.

A idealizadora da Red Solare Brasil, Marília Dourado (*apud* RINALDI, 2012), afirma que *“As escolas são ambientes organizados que oferecem ao ser humano um espaço de vida. Como devem ser esses espaços são escolhas que devemos fazer.”* Portanto, pensar em uma nova prática educativa é fundamental para a mudança da realidade educacional que hoje se tem. É preciso que crianças e adultos tenham lugares envolventes, onde as crianças são respeitadas, no sentido literal da palavra, em que seja possível construir uma rede de relações baseada na confiança e no respeito das múltiplas linguagens. Essa relação deve ser construída na escuta atenta, pois é a base para tratar com seriedade o que as crianças fazem e falam: uma escuta que está além das palavras e envolve o corpo inteiro.

As crianças têm o direito de falar e precisam ser escutadas, porque têm coisas importantes a dizer. Sendo assim, é necessário lembrar que a comunicação é feita também, através da linguagem não verbal, em que as ações, os gestos, as reações e as expressões são tão verdadeiras e presentes na criança que colaboram para a construção da aprendizagem. A observação atenta do adulto no cotidiano infantil transforma sua prática, pois o diálogo e a troca de conhecimento passam a fazer parte da relação entre ambos.

No cotidiano escolar, é possível presenciar com facilidade momentos em que a fala das crianças é permitida, como por exemplo, a famosa “Hora da rodinha”. Esses momentos nada mais são que uma forma de controle dos professores sobre as crianças, pois, geralmente, são eles que escolhem quem começará a falar e sobre qual assunto será discutido, inibindo qualquer forma de expressão espontânea da criança. Nesses momentos, mesmo não sendo uma das práticas mais indicadas, há muita coisa que as crianças falam que poderiam ser levadas a sério, mas que, simplesmente, são ignoradas pelos adultos, respondendo com frases clichês, como “Que legal! Próximo...”. Tonucci (2005, p.18) reforça:

[...] para que as crianças possam expressar e tenham desejo de fazê-lo, é preciso que os adultos saibam ouvir.” Isso não significa apenas ouvi-las, mas procurar, compreender, dar valor às intenções verdadeiras de quem fala. Todas as crianças falam, mas nem sempre os adultos são capazes de perceber a mensagem. Especialmente as crianças que falam pouco e que expressam mal, têm certamente coisas importantes a dizer e esperam apenas os adultos capazes de ouvi-las e de compreendê-las.

Na escola, as crianças estão tão acostumadas a não serem ouvidas que perdem o interesse em expor o que pensam, de tentar se comunicar com os adultos, e, com isso, os educadores perdem a chance de conhecer, enxergar- no mais profundo significado desta palavra - as crianças que ali estão. Oliveira-Formosinho (2008, p. 7), afirma que devemos “Escutar as vozes das crianças como forma de melhor as conhecer e melhor identificar e responder as suas necessidades, interesses, competência e direitos”.

Ao observar as representações de meninos e meninas para comunicar o que estão sentindo, para expressar suas ideias a seus pares, suas vontades, sua imaginação e suas descobertas, o docente tem a possibilidade de reinventar sua prática educativa, sendo que isso só acontece quando há sensibilidade, empatia e diálogo entre os protagonistas da história (crianças, pais e educadores).

Atualmente, a chegada das crianças na escola é cada vez mais cedo, e isso deve ser considerado algo esplêndido, já que cada uma delas traz consigo o inédito, algo a ser descoberto e experimentado. Esse fato permite que o ambiente da escola seja reformulado, torne-se um lugar para a compreensão da vida, que poderá vir a ser vivenciada e transformada a partir das experiências de meninos e meninas.

Nessa forma de conceber a educação não sobra espaço para a transmissão de conhecimentos, pois a escuta gera perguntas, aguça dúvidas, lida diariamente com incertezas, curiosidades, confronto de ideias, formulação de hipóteses, tendo como princípio fundamental a **relação**. Conforme Rinaldi (2012, p. 228):

Se nós acreditamos que as crianças têm teorias, interpretações e questões próprias e que são coprotagonistas dos processos de construção do conhecimento, então os verbos mais importantes na prática educativa não são mais “falar”, “explicar”, ou “transmitir”, é apenas “escutar”. Escutar significa estar aberto aos outros e ao que eles têm a dizer, ouvindo as cem (e mais) linguagens com todos os nossos sentidos. Escutar é um verbo ativo, pois significa não só gravar uma mensagem, mas também interpretá-la, e essa mensagem adquire sentido no momento em que o ouvinte a recebe e avalia.

Esta Pedagogia se coloca à disposição das crianças. Através dela é possível registrar os percursos de aprendizagem individuais e em grupo de cada um, levando em consideração a cooperação de todos os envolvidos: crianças, família e educadores.

Segundo Malaguzzi (*apud* GANDINI, 1999, p. 72), a pedagogia da escuta percebe a escola como um “organismo vivo integral, como um local de vida e relacionamentos compartilhados entre muitos adultos e muitas crianças”. Dessa forma a instituição de ensino torna-se um local de partilha e construção em conjunto de saberes, respeitando a infância em sua pluralidade.

A performance sustentada pela pedagogia da escuta rompe com a ideia de uma prática sequenciada, com horário de início e de término, pois seu objetivo principal é que as crianças experienciem, observem e (re)observem suas ações, indaguem a respeito de suas descobertas, sintam-se desafiadas a criar novos caminhos para a aprendizagem, portanto, assim, não há lugar para a pedagogia tradicional, pois, ao considerar o respeito ao tempo e à singularidade da infância, é preciso que os educadores se readaptem a essa nova forma de interação, o que só é possível quando eles se disponibilizam a escutar, como afirma Rinaldi (2014, p. 82-83):

Escutar não é fácil: (...) requer disponibilidade para a mudança, requer que mostremos a nós mesmos o valor do desconhecido e que vençamos o sentimento vazio e a precariedade que toma conta de nós cada vez que

nossas certezas são colocadas em crise. Escuta como tempo – o tempo de escuta: um tempo fora do tempo cronológico. Um tempo cheio de silêncio, de longas pausas, um tempo interior.

É dessa “inteireza” que meninos e meninas precisam no cotidiano. Nela qual não somos reféns do tempo e todos estão ali, disponíveis para o tempo presente: o aqui e o agora. Só assim, os educadores conseguem realmente perceber e reconhecer as sutilezas da vida diária das crianças, enriquecendo o olhar para que a documentação pedagógica de fato possa acontecer na Educação Infantil.

ESTRATÉGIAS A SEREM UTILIZADAS

- Apresentação em slides.
- Trabalhos em grupo: reflexão sobre alguns direitos do livro anterior e debate sobre o que significam os direitos escolhidos.
- Vídeo: “Inspirar com arte: isso muda o mundo” (Banco Itaú). Reflexão sobre a importância de escutar as hipóteses das crianças sobre as coisas.
- Reflexão sobre situações do cotidiano infantil, como momentos de atenção pessoal: como acontecem esses momentos? Como são conduzidos? Quem determina hora de início de fim de cada momento?

FONTES A SEREM UTILIZADAS:

GANDINI, Lella, EDWARDS, Carolyn; e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

NINOS; NINAS. De viaje con los derechos de las niñas y los niños. Reggio Children. Reggio Emilia, 1995.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emília: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

6 ENCONTRO 3

CONTEÚDO DO RELACIONAMENTO PROFESSOR-CRIANÇA

Neste encontro, abordaremos a questão da relação entre professor e criança. As perguntas norteadoras serão as seguintes: essa relação acontece hoje? Em que situações realmente há a relação de forma efetiva entre professor e criança? O que Reggio Emilia nos apresenta acerca desse assunto?

Ao abordar esse assunto, é importante determinar, antes de tudo, o tipo de relação que frequentemente o educador estabelece com as crianças. Uma relação autoritária, de um adulto que diz, a cada momento, o que a criança precisa fazer e como deve ser não é uma relação propriamente dita, mas um exercício de autoritarismo, em que a criança não tem vez. Ao observar esse tipo de conduta pedagógica, fica evidente que muito do fazer e agir em na sala referência está ligado com a ideia e conceito de criança que os adultos têm. Infelizmente, o que ainda se encontra em nossa realidade educacional é uma educação voltada para o professor, em que ele é quem dita, organiza e define o que as crianças devem ou não aprender.

Geralmente, o relacionamento entre ambos está focado no desempenho das crianças, como por exemplo, quando elas conseguem fazer algo que o professor considera bom, ao que ele reage com frases do tipo “Parabéns! Você conseguiu”, “Isso mesmo! E assim que se faz!” ou “Você fez bem certinho! Excelente!”. Porém, esse tipo de reação aponta para o fato de que o educador está mostrando, apenas, para a criança que tudo tem uma forma “certa” de se fazer, não está, necessariamente, estabelecendo um relacionamento com ela.

É importante destacar que quando há esse tipo de postura no ambiente escolar, o cotidiano infantil torna-se mecânico, sendo que o adulto assume a função somente dizer o que está certo e o que está errado.

Por outro lado, de acordo com Gandini, Hill, Cadwell e Schwall (2016, p. 46), no livro “As cem linguagens da criança”, é possível perceber que em Reggio o relacionamento entre adulto e criança tem outro foco: na aprendizagem, no processo e no próprio trabalho das crianças e dos adultos. A experiência nos mostra que

professores e crianças estão igualmente envolvidos com o progresso do trabalho que está sendo desenvolvido, sendo que a criança é vista como um aprendiz e não como um mero receptor de conhecimentos ou um objeto de elogios.

Esse tipo de relacionamento só traz benefícios para a prática pedagógica, pois as crianças tornam-se sujeitos engajados em pesquisar e fazer descobertas, sendo que têm autonomia para “tomar decisões sobre o que representar, como representar, como coordenar esforços e resolver visões conflitantes de vários colaboradores de um projeto...”, segundo Gandini, Hill, Cadwell e Schwall (2012, p. 46). De acordo com Rabbitti (*apud* GANDINI, EDWARDS e FORMAN, 2016), a postura do professor na abordagem de Reggio Emilia é a de dar sugestões, ouvir as ideias do grupo e encorajar para que as crianças respondam aos questionamentos umas das outras. Sendo assim, o conteúdo do relacionamento entre professor e criança torna-se rico.

Mas como potencializar esse relacionamento no cotidiano escolar? Para que realmente seja sincero, é importante que o professor veja a criança como um sujeito de ideias, potente, que pensa, um pesquisador nato, pois, dessa forma, as crianças perceberão que os adultos realmente se importam com o que elas têm a dizer. As crianças sabem quando os adultos estão sendo sinceros com elas, quando o que dizem realmente lhes interessa, pois ela percebe que o professor tem a preocupação de anotar o que falam, transcrever fitas e diálogos, fotografar, explicar e assim por diante. Portanto, uma das perguntas que todo o professor deveria fazer, segundo os autores Gandini, Hill, Cadwell e Schwall (2012), é: “O que a maioria dos meus alunos realmente pensa acerca do que levo a sério e com o que me preocupo profundamente?”. Esse é um dos primeiros passos para começar a valorizar o que as crianças nos dizem.

ESTRATÉGIAS A SEREM UTILIZADAS

- Reflexão e debate sobre os questionamentos:
 - Como acontece o relacionamento entre professores e crianças hoje?
 - Em que situações realmente há a relação de forma efetiva entre professor e criança?
 - Apresentação em slides.
 - Encerramento do encontro: vivência/dinâmica de grupo: para além da linguagem oral, utilizando diferentes materiais gráficos e/ou o corpo, cada um deverá expressar o que ficou de mais significativo sobre a importância da relação entre professor e criança.

FONTES A SEREM UTILIZADAS:

GANDINI, Lella, EDWARDS, Carolyn; e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

7 ENCONTRO 4

TRABALHO COM PROJETOS E ARTES VISUAIS PARA CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES

A teoria das cem linguagens, conforme a proposta de Reggio Emilia, mostra que as crianças possuem competência para construir e desenvolver seu próprio aprendizado. Sendo assim, os educadores reggianos acreditam que, por meio da pesquisa, a criança poderá utilizar suas diferentes linguagens para aprender e se expressar. Nesse sentido, é possível observar o quanto os projetos são levados em consideração para que aconteça o desenvolvimento integral da criança, através da pesquisa contínua no cotidiano infantil. De acordo com Katz e Chard (*apud* GANDINI, EDWARDS e FORMAN, 2016), o trabalho com projetos tem o objetivo de:

...ajudar as crianças pequenas a extrair um sentido mais profundo e completo de eventos e fenômenos de seu próprio ambiente e de experiências que mereçam sua atenção. Os professores oferecem a parte do currículo na qual as crianças são encorajadas a tomarem suas decisões e a fazerem suas próprias escolhas, geralmente em operação com seus colegas, sobre o trabalho realizado. Presumimos que este tipo de trabalho aumenta a confiança das crianças em seus próprios poderes intelectuais e reforça sua disposição de continuar aprendendo.

O professor torna-se parceiro da criança na construção do seu conhecimento. Ele não ocupa o lugar daquele que sabe mais, mas o lugar de quem está junto com a criança, a fim de auxiliá-la na elaboração de suas hipóteses e na resolução das problematizações.

Geralmente, nossas escolas constroem projetos **para** as crianças e não **com** elas. Isso porque acreditamos que precisamos mostrar algo que elas não saibam que não conheçam, achando que os eventos da vida cotidiana não são importantes. Isso sem dúvida é um grande erro, pois são nessas vivências que conseguimos a participação efetiva das crianças. Para Gandini, Edwards e Forman (2016):

...quando um tópico de um projeto é muito familiar às crianças, elas podem contribuir para o projeto com seus próprios conhecimentos e sugerir questões a ser indagadas e linhas de investigação a seguir; as próprias crianças podem assumir a liderança no planejamento, assumir responsabilidades por observações específicas e pelos artefatos coletados.

Pesquisar situações reais ou de seu domínio dá a oportunidade para que meninos e meninas sejam co-produtores de sua aprendizagem e não dependam essencialmente de um adulto para lhes mostrar algo; por outro lado, quando o projeto é sobre algo que as crianças não conheçam ou não tenham livre acesso, necessitam da ajuda professor em todos os aspectos, como informações, ideias, reflexões e planejamentos. O trabalho com projetos permite uma autoria individual e coletiva, momentos de construção pessoal e outro com o grupo.

Para se construir um projeto de pesquisa, é importante que o educador pense no contexto para que a investigação aconteça, em um ambiente de pesquisa rico e com várias possibilidades de exploração e vivência. Na abordagem italiana, existe um espaço denominado *atelier*, que tem como propósito propiciar às crianças contextos interessantes e atraentes, oportunizando a exploração de diversos materiais e técnicas. Esse espaço permite que o professor tenha a possibilidade de compreender os processos de aprendizagem das crianças. A construção de um *atelier* na escola, conforme Gandini, Edwards e Forman (2016), demonstra “a importância atribuída à imaginação, à criatividade, à expressividade e à estética nos processos educacionais do desenvolvimento e da construção do conhecimento”

Em Reggio Emilia, o papel do atelierista contribui para a construção do espaço. Esse profissional é um professor com formação em artes e tem a função tanto de auxiliar quanto de planejar juntamente com os professores, ou *pedagogistas*, contextos de aprendizagem, apresentar certos assuntos às crianças, o que deve ser antecipado sobre determinado assunto e o que pode ser feito a respeito. Também sugere materiais específicos, dando sugestões de como usá-los.

Os professores e o atelierista têm uma relação muito próxima. Eles pensam e organizam o planejamento sobre os interesses das crianças em conjunto. O espaço, conforme Gandini, Edwards e Forman (2016) “pode tornar o processo educacional e a experiência de aprendizagem das crianças mais completos e integrados.” Porém, não podemos ser ingênuos ao ponto de acreditar que, ao criar um atelier na escola e contratar um atelierista, tudo será transformado e tornar-se-á rico. Pelo contrário, é necessário que toda a abordagem educacional esteja fortalecida em uma base consistente que acredite no potencial infantil e que veja a criança como um sujeito

histórico e de direitos, potente, pesquisador nato, que aprende, observa, explora, narra, questiona, constrói sentido para as suas experiências e que produz cultura.

ESTRATÉGIAS A SEREM UTILIZADAS

- Apresentação em slides.
- Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=_3iodP-fRKQ
 - Esse vídeo apresenta diferentes experiências no espaço do Ateliê com meninos e meninas de várias idades.
 - Discussão sobre o vídeo.
- Reflexão e debate sobre a imagem das páginas 39 e 40 do livro “As cem linguagens” (vol. 1), na qual as crianças fizeram um desenho coletivo sobre sua experiência no supermercado.
- Vivência de atelier: espaço organizado para exploração.
- Construção de ideias acerca do assunto, em papel *Post-it* para deixar anexado no ambiente da formação.

FONTES A SEREM UTILIZADAS:

GANDINI, Lella, EDWARDS, Carolyn; e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 2016.

GANDINI, Lella, EDWARDS, Carolyn; e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância – volume 2. Porto Alegre: Artmed, 2016.

Vídeo disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=_3iodP-fRKQ. Acesso em: 20 de abril de 2016.

8 ENCONTRO 5

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

A documentação pedagógica vem para desafiar educadores que se preocupam em como tornar visível a aprendizagem das crianças. Pensar a Educação Infantil como um local de aprendizagem contínua entre todos os envolvidos é fundamental para que seja possível incitar novas práticas no cotidiano escolar.

Reconhecer a potencialidade infantil é um dos primeiros passos para os educadores mudarem sua forma de ver e escutar as crianças. A documentação pedagógica dá visibilidade às aprendizagens diárias da vida de meninos e meninas, singulares e/ ou do grupo que, muitas vezes, passam despercebidas no ambiente escolar. Ela surge a partir das diferentes vozes e linguagens infantis, em um contexto de trocas, de múltiplas vivências e experiências concomitantes e de igual relevância. Vale lembrar que nenhuma é mais importante que a outra, tudo depende do olhar dos adultos que ali estão e que decidem documentar ou não os acontecimentos.

Como afirma Gunilla Dahlberg (2016), no livro *As cem linguagens da Criança*,

expressa de maneira mais simples, a documentação pedagógica é o processo de tornar o trabalho pedagógico (ou outro) visível ao diálogo, interpretação, contestação e transformação... Pode-se dizer que a documentação pedagógica, conforme usada em Reggio, é uma atitude específica sobre a vida.

A documentação não pode acontecer se não houver a escuta atenta e ativa, como já foi discutido em um dos encontros propostos anteriormente. Assim, a garantia de haver movimentos de escutar e ser escutado torna-se primordial para a documentação.

Para Loris Malaguzzi (*apud* FOCHI, 2015), é importante construir uma relação potente entre adulto e criança “a partir de observações cotidianas do registro e da reflexão sobre as experiências dos meninos e das meninas”. A documentação pedagógica faz com que o educador refletia sobre sua concepção de criança, bem como sobre como se constitui enquanto pedagogo.

Ao contrário do que é possível acompanhar nas escolas, documentar não é sinônimo de avaliar, não é compilação de fotos ou desenhos e não é sinônimo de registro. Documentação é aquilo que consegue explicitar, mostrando o potencial da criança; é um modo de pensar sobre o processo de construção do conhecimento. Segundo Hoyuelos (*apud* FOCHI, 2015), documentação é um modo “de reconhecer que a Educação Infantil é uma instituição complexa em que ocorrem acontecimentos complexos”.

É necessário compreender a documentação pedagógica como uma forma de construir conhecimentos na área da Educação Infantil; é preciso aprender a olhar para os processos de aprendizagem e experiências das crianças na escola, evidenciando o seu real papel no processo educativo, compreendendo e reposicionando o papel do professor no cotidiano infantil, construindo assim, uma educação de qualidade.

Segundo Fochi (2015), a documentação pedagógica envolve três aspectos importantes e indissociáveis: observação, registro e interpretação. É através da observação que o educador compreende a ação educativa como um processo que não é improvisado, nem tampouco como um planejamento fechado, rígido. Por isso a importância de escutar as crianças, os colegas de trabalho e as famílias. Eles nos dão o norte do que lhes interessa, do que realmente é importante trabalhar. A escola precisa estar aberta ao diálogo, a troca, a participação. Sendo assim, Rinaldi (*apud* FOCHI, PIVA, FORESTI, 2016) afirma que:

a ação pedagógica se dá em meio à produção de registros das falas das crianças, de imagens do cotidiano, das produções dos meninos e meninas, ou seja, evidências que tornam possível chegar a interpretação de alguns caminhos a serem trilhados (RINALDI, 1998, p. 10, *apud* FOCHI, PIVA, FORESTI, 2016).

Para refletir sobre as múltiplas experiências das crianças no cotidiano, tornam-se necessários materiais que façam o educador revisitar sua memória. Fochi (2015) chama de observáveis os materiais que podem ser consultados, compartilhados e retomados sempre que necessário, como por exemplo, anotações do professor, arquivos de falas das crianças, de vídeos e de fotografias, produções das crianças e fotografias impressas. Esse material permite ao adulto pensar sobre

a proposta, refletir com seus colegas acerca das possibilidades de ampliação das experiências das crianças, bem como repensar sua ação.

A documentação pedagógica, sem dúvidas, é um dos pressupostos da abordagem italiana que mais precisa ser pensado, estudado e discutido para que não se torne algo banal e motivo de modismo nas escolas de Educação Infantil.

ESTRATÉGIAS A SEREM UTILIZADAS

- Apresentação em slides sobre o assunto.
- Assistir a um vídeo de exploração de materiais de uma criança, refletindo sobre como poderíamos ampliar a sua experiência.
- Enfoque na construção das mini-histórias como uma forma de produzir memória.
- Trabalho em grupo: analisar alguns registros fotográficos, tentando compreender qual a ideia central dessa documentação, demonstrando que a construção de mini-histórias também é um dos elementos que tornam visíveis as aprendizagens das crianças.

FONTES A SEREM UTILIZADAS:

GANDINI, Lella, EDWARDS, Carolyn; e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

FOCHI, Paulo Sérgio. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?: comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva**. Porto Alegre: Penso, 2015.

CUKIER, Viviana; CORSO, Del Josiane. **Arquiteturas fantásticas: ideias, teorias e narrativas de crianças de 2 e 3 anos**. Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil. São Paulo: Unic Gráfica e Editora, 2016.

9 ENCONTRO 6

ENCERRAMENTO

Neste último encontro, há uma breve retomada dos aspectos principais da abordagem de Reggio Emilia, pensando no cotidiano de nossas escolas e o que, de fato, podemos começar a colocar em prática. Pretende-se construir, de forma coletiva, ideias de ações pedagógicas plausíveis, enquanto pedagogos que pensam e respeitam a infância.

ESTRATÉGIAS A SEREM UTILIZADAS

- Apresentação em slides sobre alguns tópicos principais de cada encontro.
- Assistir ao Documentação em vídeo da mostra “The wonder of Learning”: “Utopias cotidianas – um dia na creche; um dia na escola da infância” (Reggio Children), “Um dia na creche”, e refletir sobre o tema, inspirando novas práticas educacionais.
- Construir um mapa conceitual sobre o que a abordagem de Reggio Emilia tem a nos ensinar.

FONTES A SEREM UTILIZADAS:

GANDINI, Lella, EDWARDS, Carolyn; e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

GANDINI, Lella, EDWARDS, Carolyn; e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância, volume 2.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emília: escutar, investigar e aprender.** São Paulo: Paz e Terra, 2012.

Bibliografia comentada:

Livro “As cem linguagens da criança”, volume 1, dos organizadores Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman.

O livro apresenta a experiência educativa para a primeira infância, na cidade italiana de Reggio Emilia, como iniciou essa abordagem pedagógica, idealizada pelo pedagogo Loris Malaguzzi e que hoje é referência mundial. O livro aborda questões como a história e a filosofia das escolas da Itália, como veem a criança, a infância, como constroem o currículo, quais são os métodos de ensino, a organização dos espaços, a participação das crianças e o papel dos adultos.

Livro “As cem linguagens da criança”, volume 2, dos autores organizadores Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman.

Esse livro trata com maior profundidade a abordagem italiana de Reggio Emilia na área da educação da criança de zero a seis anos, abordando três temas centrais do trabalho desenvolvido: o ensino e a aprendizagem por meio das relações, as cem linguagens da criança e a integração da documentação ao processo de observar, refletir e comunicar.

Livro “Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender”, da autora Carla Rinaldi.

Carla Rinaldi, presidente da instituição Reggio Children e seguidora do idealizador da abordagem italiana de Loris Malaguzzi, faz um compilado de palestras, entrevistas e artigos sobre sua experiência nas escolas de Reggio Emilia, refletindo, através de autores, sobre sua prática e seus aprendizados.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Parecer nº20/2009**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Brasília: CNE, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para Reflexão sobre as Orientações Curriculares**. Projeto de Cooperação Técnica MEC/Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica/ UFRGS. 2009c. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2017.

CEPPI, Giulio. **Crianças, espaços, relações – como projetar ambientes para a educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2013.

CHILDREN, Reggio. **Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo**. São Paulo: Editora Phorte, 2014.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

CUKIER, Viviana; CORSO, Del Josiane. **Arquiteturas fantásticas: ideias, teorias e narrativas de crianças de 2 e 3 anos**. Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil. São Paulo: Unic Gráfica e Editora, 2016.

FOCHI, Paulo Sérgio. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?: comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva**. Porto Alegre: Penso, 2015.

FOCHI, Paulo Sergio; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **O desafio da pesquisa com bebês e crianças bem pequenas**. IX ANPED Sul, Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul, 2012. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_e_Infancia/Trabalho/07_32_06_1234-6692-1-PB.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2017.

GANDINI, Lella, EDWARDS, Carolyn; e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GANDINI, Lella, HILL, Lynn, CADWELL, Louise e SCHWALL, Charles. **O papel do ateliê na educação infantil - a inspiração de Reggio Emilia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

GANDINI, Lella, EDWARDS, Carolyn; e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância, volume 2**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas.** A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HOYUELOS, A. **La ética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi.** Barcelona: Octaedro, 2004.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **Pedagogia(s) da Infância:** Dialogando com o Passado: construindo o Futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia; KISHIMOTO, TizukoMorchida; PINAZZA, Mônica Apezaro (Orgs.). **Pedagogia(s) da infância:** dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emília:** escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

TONUCCI, Francesco. **Frato** - 40 anos com olhos de criança. Porto Alegre: Artmed, 2008.

UNISINOS. Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos (artigo de periódico, dissertação, projeto, relatório técnico e/ou científico, trabalho de conclusão de curso, dissertação e tese). 2016. Disponível em: <<http://www.unisinis.br/biblioteca/images/docs/manual-elaboracao-trabalhos-academicos.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2017.

VASCONCELOS - Almeida, Queila. **Crianças bem pequenas no cotidiano a escola:** tecendo relações entre participação e interesses de aprendizagem. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do rio Grande do Sul, 2015.